

A Cidade e o Corpo na Produção de um Novo Paradigma Estético

*The City and the Body in the Production of a New Aesthetic
Paradigm*

GUATTARI, Felix. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. Resenha de: MELLO, Marcelo de. A cidade e o corpo na produção de um novo paradigma estético. *FRONTEIRAS: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, Anápolis-Goiás, v.3, n.2, jul.-dez. 2014, p.275-278.

Marcelo de Mello

Doutor em Geografia pelo IESA/UFG (Goiás/Brasil). Professor do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, da Universidade Estadual de Goiás – UEG (Goiás/Brasil).

ueg.marcelo@gmail.com

Em 1992, foi publicado no Brasil um livro do intelectual francês Félix Guattari, intitulado “Caosmose: um novo paradigma estético”. Entre os temas privilegiados pelo autor, destacamos a relação travada entre o espaço, a corporeidade e a necessidade de restauração da “cidade subjetiva”.

Na obra, Guattari (1992 p. 157) alerta que “tenhamos consciência ou não, o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista: estilístico, histórico, funcional, afetivo”. Para um melhor entendimento do raciocínio desenvolvido, o autor adverte que a investigação dos diálogos travados entre o corpo, o espaço e a cidade não foi fundamentada nas contribuições da medicina e da arquitetura como “disciplinas” isoladas; pois, para Guattari (1992 p. 153), é “a abordagem fenomenológica do espaço e do corpo vivido” que revela “seu caráter de inseparabilidade”. Inseparabilidade que, no sistema de idéias elaborado pelo pensador francês, tem uma importância capital.

Sob este prisma, a percepção adquire um peso significativo: é ela que media a relação do homem com os fenômenos. Para o autor, a percepção não possui um caráter unidimensional, pois está condicionada, por exemplo, a produtos da “moderna” cibernética, ao espaço da escritura e da pintura; bem como a estados de sonhos e sons. Para Guattari (1992 p. 153), existem tantos espaços “quantos forem os modos de semiotização e de subjetivação”.

Mas estas peculiaridades que influenciam os modos de perceber os fenômenos não são suficientes para acompanhar o raciocínio apresentado na obra. Para investigar os fenômenos que envolvem o corpo, o espaço e a cidade, o autor faz uma distinção entre “esse aspecto de diversificação diacrônica”, caracterizado pelas distintas possibilidades de contato com o espaço vivido, e outra “dimensão sincrônica de espaços heterogêneos” (Guattari 1992 p. 153). Esta segunda dimensão pode ser entendida como o encontro de percepções a princípio distintas, que se relacionam a partir de contatos proporcionados por um espaço duplicado, em que percepções atuais e percepções anteriores dialogam “sem que se possa falar de recalque ou conflito entre representações pré-estabelecidas” (Guattari 1992 p. 155).

Guattari cita o psicanalista e etólogo americano Stern – especificamente, um livro intitulado *The Impersonal World of the Infant* –, que inovou na composição do self, abrindo novas possibilidades para considerações que busquem “o caráter polifônico da subjetividade”. Stern elabora uma estratificação que acompanha o processo de constituição da subjetividade na infância, compreendendo o período lácteo até a idade de dois anos:

- do nascimento até dois meses: o self emergente.
- de dois-três meses até sete-nove meses: o self núcleo.
- de sete-nove meses até quinze meses: o self subjetivo.
- após quinze meses: o self verbal.

A tese elaborada pelo psicanalista e etólogo não considera uma diacronia o retorno a estratos anteriores, que, na tradição psicanalítica, assume um caráter de regressão. No modelo inovador de Stern, cada componente do eu “continua a existir paralelamente aos outros e é suscetível de subir à superfície, ao primeiro plano da subjetividade, de acordo com as circunstâncias” (Guattari 1992 p.155).

Como os estratos elaborados por Stern se limitaram a acompanhar a composição subjetiva até os dois anos de idade, Guattari deu seguimento às formações subjetivas e incluiu mais dois estratos na estruturação dos self de Stern:

- de um self escritural (correlativo à entrada da criança na escola)
- de um self da puberdade etc...

Com o objetivo de tornar seu texto mais claro, Guattari (1992) narra uma experiência vivida em uma visita feita à cidade de São Paulo. Na ocasião, ele e um grupo de amigos caminhavam pelas ruas da capital paulista quando foi compelido “por um locutor não-localizável a atravessar uma ponte”. Este é um “momento fecundo”, em que o self emergente – primeiro estrato – retoma as descobertas do mundo, afetando o self núcleo – segundo estrato – “relativo à tomada de consciência do corpo” (Guattari 1992 p. 156). A partir deste momento, o self subjetivo – terceiro estrato – conclama a presença do “companheiro evocado”, que não está relacionado à ocorrência real e passada, mas é um “exemplar ativo dos acontecimentos relativos ao período considerado”. Por sobre esta ponte, “toda” sua infância emerge sob uma forma organizada por um self verbal – quarto estrato –, “ele consiste em transformar em frases, um acontecimento que, na infância, foi vivido, em sua essência, no aquém da linguagem” (Guattari 1992 p. 157).

Essa passagem evidencia um diálogo entre os estratos constitutivos da subjetividade. Diálogo motivado pelo contato com um espaço construído, que evocou acontecimentos vividos em tempos e espaços distintos, estabelecendo uma sincronia entre experiências a princípio diacrônicas.

Como o espaço construído ocupa um lugar de relevo no sistema de idéias de Guattari, nada mais coerente do que ele indagar se a arquitetura está relacionada com essa polifonia dos espaços. Indicando a resposta para tal questionamento, o pensador reafirma que as “construções de todos os tipos são máquinas enunciativas” (Guattari 1992 p. 158).

Em seguida, Guattari (1992 p. 158) ressalta que “após os estragos estruturalistas e a prostração pós-moderna, é urgente voltar a uma concepção ‘animista’ de mundo”. Não podemos mais negar que vivemos em um mundo marcado por uma produção incessante de componentes subjetivos, que impressionam tanto pela quantidade, quanto por suas possibilidades: seja com vistas

à reprodução do modelo uniformizador e massificador, seja para abrir caminhos alternativos onde a singularidade possa colocar em risco o formalismo e a generalização dominantes. O autor destaca, ainda, que a cidade emerge como espaço privilegiado neste vertiginoso processo de produção de elementos carregados de subjetividades polifônicas.

É no interior da relação entre o corpo e o espaço urbano construído que “a virtualidade complexa beira o caos – cidades como a do México se dirigem a toda velocidade para uma asfixia ecológica e demográfica que parece insuperável” (Guattari 1992 p. 159).

A partir de uma reflexão sobre a complexidade e o caos estabelecidos por sobre o espaço, Guattari sugere a introdução de algo que se aproxime dos “atratores estranhos” – da termodinâmica –, nos estudos dos fenômenos marcados pela ação da subjetividade polifônica. Os “atratores estranhos” são utilizados há muito tempo pela física nas investigações em que os estados de equilíbrios são caracterizados por distâncias significativas. Estes atratores seriam aplicados nos “Agenciamentos potenciais de enunciação que habitam secretamente o caos urbano e arquitetural” (Guattari 1992 p. 159).

Se a cidade é uma megamáquina, temos que bem avaliar aspectos de sua dimensão fugidia, que vão para além do controle dos sistemas técnicos que servem aos ditames das políticas economicistas. Para tanto, é imprescindível uma aproximação que permita a produção de uma cartografia das subjetividades produzidas. Certamente, as bases para esta cartografia não se restringem a parâmetros referenciados por uma perspectiva linear e objetiva. A intermediação capaz de conduzir a um mapeamento centrado nas bases propostas por Guattari (1992 p. 161), solicita o que este pensador chamou de “afetos estéticos complexos”. O conhecimento produzido a partir destes afetos “não procede de uma discursividade concernente a conjuntos bem delimitados, mas, antes, por agregação de Territórios Existenciais” (Guattari 1992 p. 161).

Como contribuição conclusiva, o autor argumenta que não existe um sujeito universal, nem um produto produzido no espaço com um significado pré-estabelecido e inalienável. Tanto os sujeitos como os objetos são envolvidos por movimentos – de incontáveis naturezas e sentidos – que promovem a superação ininterrupta dos conceitos convencionados para explicar uma dada ordem. Entre os diversos movimentos produzidos, alguns se destacam pelo potencial de reprodução dos sentidos territorialmente referenciados.

Referências

Guattari F 1992. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34.